A Requalificação do Museu de S. Roque

O Museu de S. Roque, em Lisboa, reabre as suas portas ao público a 19 de Dezembro, depois de mais de dois anos de encerramento para obras de remodelação e ampliação das suas instalações e de conservação do património edificado e móvel. A *Pedra & Cal* foi visitar o espaço e falar com os coordenadores deste projecto, nas vésperas de inaugurar.

Fotografia: Helena Mantas

Claustro antes da intervenção

Fotografia: CTM

Claustro depois da intervenção

Em 2005, o Museu de S. Roque comemorou os seus 100 anos, celebrando um vasto património histórico e artístico reunido ao longo de 500 anos, que documenta a primitiva ermida de S. Roque (1527), a instalação no local da Casa Professa de S. Roque, sede da Companhia de Jesus em Portugal (1565-1759), e a ocupação do edifício pela Santa Casa da Misericórdia em 1768.

Raros são os casos em Portugal em que uma casa religiosa manteve intacto o seu acervo artístico – reunindo pintura, escultura, colecções de ourivesaria, de relicários, têxteis e paramentaria, arte oriental –, e sobretudo de uma qualidade tão singular que cedo suscitou o interesse da sua exposição pública. Inaugurou, assim, a 11 de Janeiro de 1905, com a presença de D. Carlos e de D. Amélia, o primeiro núcleo museológico de S. Roque, onde se mostrava, sobretudo, o Tesouro da Capela de S. João Baptista. As peças expunham-se, ao tempo, em vitrines de gosto revivalista na antiga sala do Capítulo da Casa Professa e primeira Sala de Extracções da Lotaria. Cento e três anos depois, o Museu de S. Roque reabre com um novo projecto museológico e arquitectónico que o afirma, notória e decisivamente, como um dos referenciais do património nacional.

"REPENSAR O MUSEU"

O projecto de remodelação/ampliação do Museu de S. Roque nasceu da vontade da Santa Casa da Misericórdia da Misericórdia de Lisboa em requalificar o seu património. Segundo Teresa Freitas Morna, conservadora de S. Roque, "o museu tinha muitas limitações, desde há muito sentidas, tendo a génese do projecto iniciado em 1995, quando ainda era conservador Nuno Vassalo e Silva". Para além de limitações físicas evidentes, que obrigavam à conservação de grande parte do espólio nas reservas, o espaço era restritivo em relação à sua própria visibilidade e às condições de acolhimento do público.

O objectivo fundamental do projecto foi o de "proporcionar uma melhoria das condições da apresentação das colecções, garantir novas acessibili-

Fotografia: Museu de São Roque

Fotografia: Cintra § Castro Caldas, Lda.

Frontal de altar da capela de São João Baptista antes e depois do restauro, ourives Antonio Arrighi segundo modelos dos escultores Agostino Corsini e Bernardino Ludovisi; Roma, 1744-1750. Prata branca, bronze dourado e lápis-lazúli, Museu de São Roque, Inv. MPr. 10

dades e criar novas infra-estruturas de apoio (área de acolhimento, loja e cafetaria)". A alavanca fundamental foi uma candidatura ao Programa Operacional da Cultura (QCA III), que co-financiou a empreitada, bem como algumas componentes museológicas e de divulgação.

O novo Museu de S. Roque dispõe agora de novos espaços em redor do piso térreo do claustro. O claustro é, na verdade, o novo elemento central e dinamizador do percurso expositivo. Assim, a exposição permanente foi repensada em cinco núcleos temáticos [ver caixa], conforme explicou Teresa Morna "de acordo com uma lógica cronológica e uma articulação temática, procurando seguir o percurso das colecções e dar a conhecer a vivência história do espaço.

Carlos Pietra Torres, especializado na área da museografia (destacando-se o Museu da Música, em Lisboa), liderou a equipa, em colaboração com a conservadora Teresa Morna, do projecto de museografia. Segundo o próprio, "este é um espaço diferente, é um outro museu", onde a prioridade foi "dotá-lo de um novo discurso, de uma nova organização, por ter aumentado a área , o que permitiu expor maior número de peças".

Repensar o museu foi um processo complexo. Neste particular, Teresa Morna e Carlos Pietra destacaram a importância de colocar o museu e a Igreja num mesmo entendimento museológico. Esta ligação foi sublinhada pela reabertura de vãos originais, entre os dois espaços, tornando clara a relação das peças com o espaço que serviam. Neste sentido, a encenação jesuíta do culto das relíquias tornou-se muito mais clara, com a exposição no museu de relicários, nomeadamente, da Capela do Santíssimo Sacramento da igreja. A esta capela regressaram as pinturas de Bento Coelho da Silveira, que se encontravam no museu e que, originalmente, serviam para cobrir as relíquias aí conservadas, até à altura da sua exibição em épocas do anos específicas.

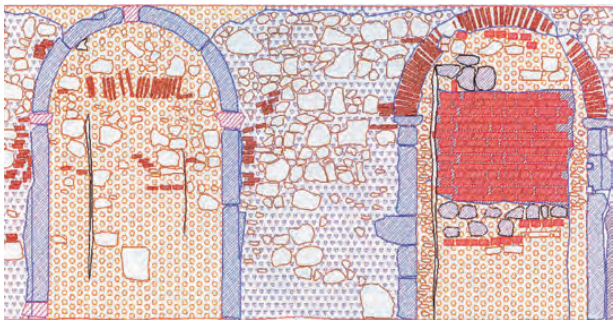
A percepção da riqueza do lado jesuíta é, ainda, avivada pela exposição de peças de apoio à liturgia que se encontravam em reservas, nomeadamente, a ouriverasia portuguesa dos séculos XVII e XVIII e a colecção de frontais de altar. Peças que, até agora, só tinham tido visibilidade por ocasião de exposições temporárias.

A conservadora referiu ainda alguns constrangimentos que se foram colocando: a escala de peças como a dos tocheiros da Capela de S. João Baptista ou as questões de arqueologia, de segurança e de conservação. Constrangimentos que suscitaram hesitações e uma reflexão aturada sobre as opções possíveis. Entre os núcleos e peças do "novo" museu, destacou o do Tesouro da Capela de S. João Baptista; uma tapeçaria flamenga doada à Misericórdia; a colecção dos relicários; e a nova disposição dos conjuntos de pintura. Carlos Pietra considerou, pela sua parte, que "eleger um núcleo seria negar o discurso do museu", mas que, de facto, o referido Tesouro "constituiu um núcleo que se distingue pela elevada qualidade artística, plástica e técnica, superior a toda a restante colecção".

Para além do projecto museológico, houve um laborioso trabalho de conservação de praticamente todo o acervo. Nestes dois anos, beneficiaram-se cerca de três centenas de peças por equipas constituídas de acordo com cada especialidade. Teresa Morna destacou, neste âmbito, a intervenção nas peças de ourivesaria do Tesouro da Capela de S. João Baptista que tinham perdido a sua leitura original e relevou a surpresa da equipa ao constatar que não apresentavam quaisquer lacunas no douramento.

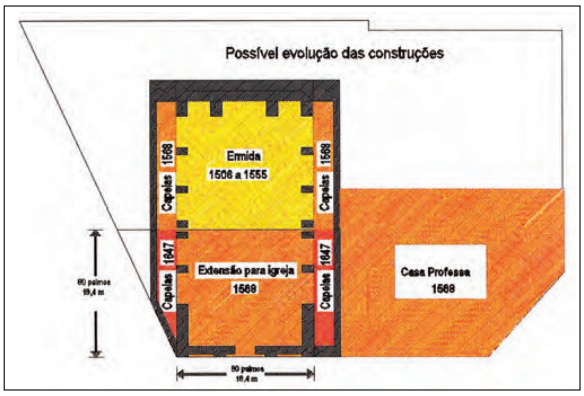
A INTERVENÇÃO NO EDIFICADO

Segundo Carlos Pietra, este projecto permitiu "dotar o edificado de um profundo reforço estrutural", de acordo com diagnósticos e projectos efectuados por engenheiros especializados. "O edifício estava fragilizado e houve que corrigir algumas



In Situ

Cartografia executada numa das paredes do Claustro



In situ

Esquema planimétrico da possível cronologia construtiva da Igreja e Casa Professa de S. Roque

situações e demolir estruturas que se encontravam em elevado estado de degradação". A memória do edifício foi registada por um levantamento fotogramétrico que possibilitou uma análise global das estruturas, materiais, estado de conservação e épocas de construção.

Carlos Pietra foi autor do projecto de arquitectura. Nesta obra participaram diversos especialistas e empresas, desde consultores, projectistas, empreiteiros de construção a firmas especializadas na conservação e restauro do património arquitectónico.

"RESGATAR O CLAUSTRO"

Resgatado ao seu aspecto original quinhentista e recuperadas as cantarias, o claustro foi investido de novas funções e novo significado, tornado

Museu de S. Roque – Núcleos expositivos

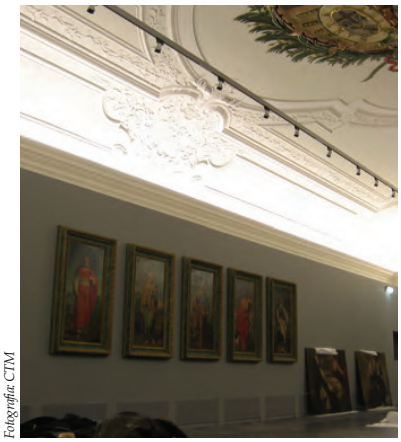
1. Ermida manuelina de S. Roque: As quatro tábuas de Cristóvão de Utreque (c. 1520) são evocativas da antiga ermida para a qual foram pintadas. A ermida de S. Roque (1527) foi construída para albergar uma relíquia de São Roque que protegesse a cidade das pestes – mandada vir de Veneza por D. Manuel (1505). A invocação foi mantida na nova igreja pelos Jesuítas.

2. Companhia de Jesus: são documentados os cerca de dois séculos de permanência da Companhia em São Roque neste núcleo expositivo, que se organiza de acordo com uma lógica temática, encontrando-se subdividido em iconografia e devoções dos Jesuítas e rituais de culto litúrgico no período contra-reformista. Ourivesaria, têxteis, pintura e escultura testemunham a riqueza da Casa Professa, onde se destaca pela qualidade do conjunto, a colecção de relicários.

3. Arte Oriental: A missionação cristã foi uma actividade fundamental, desempenhada pelos Jesuítas, na expansão ultramarina, promovendo o contacto entre as culturas cristã e as orientais. O Museu apresenta um conjunto de objectos de arte sacra oriental, provenientes do Próximo Oriente, Índia, China e Japão. Marfim, madrepérola, seda, madeira lacada e tartaruga, são alguns dos materiais usados na execução das peças deste núcleo, que formalmente seguem os modelos ocidentais.

4. Capela de S. João Baptista: a extrema qualidade inventiva, o valor material e o rigor técnico patente nas peças do Tesouro da Capela de São João Baptista, encomendado em Roma por D. João V, justificaram um núcleo autónomo, único ao nível mundial. Estão representados os melhores ourives romanos do período (década de 1740), para além da riqueza da paramentaria romana, têxteis flamengos, rendas italianas e livros litúrgicos que completam o Tesouro.

5. Santa Casa da Misericórdia Lisboa: núcleo evocativo da instituição assistencial (sécs. XVI-XX) constituído por duas partes distintas – a primeira dedicada à iconografia e história da Misericórdia e a segunda a peças provenientes de aquisições, legados e doações. Destaque para o bastão do provedor da Santa Casa e a pintura de Garcia Fernandes (ambos do séc. XVI) e a tapeçaria flamenga de Jan Frans Cornelissen (1662-78).


Fotografia: CTM

Fotografia: CTM

Fotografia: CTM

Aspectos da montagem da exposição

o elemento central do museu. Carlos Pietra salientou toda a intervenção realizada neste espaço, que culminou no projecto de arquitectura paisagista, onde são citados de forma simbólica os locais do Oriente por onde os Jesuítas passaram, a partir da selecção da vegetação de espécies de bambus de diversas proveniências.

A Cruzeta, Ld.ª, associada do GECoRPA, foi a empresa encarregue do trabalho de conservação e restauro das cantarias. Eduardo Moreso, responsável da firma, explicou à P&C os passos da intervenção. Depois dos trabalhos de construção civil, empreitada a cargo da Construtora San José, S.A., a Cruzeta procedeu à remoção cuidada dos materiais não idóneos das cantarias e à limpeza com biocidas para eliminação química da microflora, de forma a deixá-las no seu estado original, ou seja, à vista, e devidamente protegidas com soluções hidrófugas. Executou a integração das lacunas com recurso a uma armação interior em inox e/ou fibra de vidro fixa à pedra e, de seguida, ao enchimento gradual com uma argamassa à base de cal *lafarge* e inertes lavados (sílica), com granulometria intermédia e cor próxima da pedra. Foram respeitados os emolduramentos e as texturas, bujardando-se a massa quando necessário. Pontualmente, houve que consolidar a cantaria onde esta se encontrava fissurada, mas a aplicação de nova pedra restringiu-se o soco exterior e zonas pontuais no interior.

Tendo em consideração o antes e o depois, Eduardo Moreso referiu que só a intervenção das cantarias do claustro envolveu a aplicação de técnicas diversas de grande especialidade e concluiu referindo que "foi um trabalho de grande paciência e dedicação".

PROJECTOS PARA O FUTURO: A CAPELA DE S. JOÃO BAPTISTA

O Museu de S. Roque conta ainda com uma galeria de exposições temporárias, que será objecto de um projecto de requalificação e que prevê uma programação de exposições temáticas relacionadas com as colecções ou com a envolvência e/ou história do espaço.

Teresa Morna revelou à *P&C* que está já a ser pensada uma exposição centrada na Capela de S. João Baptista, acompanhada de uma monografia actualizada sobre este espaço e tesouro, mostrando peças que contextualizem esta magnífica encomenda de D. João V.

Neste âmbito, S. Roque projecta, assim, uma intervenção de conservação da Capela de S. João Baptista, em colaboração com o Instituto Central para o Restauro de Roma, Itália. Esperam-se operações de conservação do pavimento, dos mosaicos laterais e de limpeza dos bronzes. Para já, está a ser diagnosticada e estudada a degradação dos pigmentos dos mosaicos laterais da capela pelo instituto italiano, com o qual o Museu se tem articulado. Poderá ser este um ponto de partida para uma parceria futura, que envolva os mosaicos, bronzes e madeiras. Por seu turno, a banqueta em bronze dourado e lápis-lazúli da Capela encontra-se, presentemente, a ser restaurada ao abrigo de um acordo com o Victoria & Albert, no âmbito da cedência de peças do Museu português para uma exposição em Londres.

CÁTIA TELES E MARQUES,
Pedra & Cal